



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CID CORREA RODRIGUES JUNIOR

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-587

Entrevistado: Cid Correa Rodrigues Junior

Nascimento: 12/09/1965

Local da entrevista: Grêmio Náutico Gaúcho

Entrevistador: Alexandre Luz Alves

Data da entrevista: 03/09/2015

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Isabela Berté

Pesquisa: Alexandre Luz Alves

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 23 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 22 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no judô; Grêmio Náutico Gaúcho; Conselho de *Kodanshas*; Federação Gaúcha de Judô; AABB; Filosofia do judô; SOGIPA; Grêmio Sargento Expedicionário Geraldo Santana; Comissão de Graus; Arbitragem; Competições; Ruy Barbosa; Campeonato Brasileiro; Contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 9 de setembro de 2015. Entrevista com Cid Correa Rodrigues Junior a cargo do pesquisador Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A – Professor Cid, inicialmente eu gostaria de saber como foi a sua inserção no judô e se essa foi a primeira modalidade que você praticou?

C.J – Eu entrei no judô em setembro de 1977 e foi o primeiro esporte regular que eu pratiquei.

A.A. – Com que idade?

C.J. – Doze anos.

A.A. – Alguém influenciou na sua escolha pelo judô? Amigos? Familiares? Professores?

C.J. – Eu tinha um primo que fazia caratê e eu tinha muito contato com ele e sempre quis treinar com ele, por que ele me cobrava. Como os meus pais eram sócios do Gaúcho¹, o Gaúcho não tem caratê, eu comecei a fazer judô, gostei e não sai mais.

A.A. – Relate como era a estrutura? Como era a escola onde tu iniciou o judô na época?

C.J. – Eu entrei no judô aqui no próprio Grêmio Náutico Gaúcho, do lado esquerdo da piscina existe até hoje o prédio, um prédio de dois andares, no andar de cima era o dojô², logo que tu entrava tinha a sala de musculação que era do Departamento de Judô, mas a gente não fazia por que era novo e depois tinha o tatame, eu acho que tinha uns trinta e seis tatames de palha, que é um metro e oitenta por noventa, cada tatame, uma área bem pequena.

A.A. – Quem era o *Sensei*³ na época?

¹ Grêmio Náutico Gaúcho.

² Local onde se treinam artes marciais japonesas.

³ Título honroso para tratar com respeito um professor ou um mestre.

C.J. – Fernando Lemos⁴, casualmente era professor da UFRGS⁵.

A.A. – Poderia dar um panorama sob a sua perspectiva de como era o judô no Rio Grande do Sul nessa época?

C.J. – Nessa época eu me lembro que eu comecei a competir com quatorze anos e foi aí que eu comecei a conviver com outros, por que eu só tinha a realidade aqui do clube. No verão, os clubes geralmente não tinham aula de judô em janeiro e fevereiro, o Fernando mandava a gente treinar no Ruy Barbosa⁶, na época era o professor Breno⁷ e o Osvaldo⁸ e eu só tinha essa vivencia fora do clube. Quando eu comecei a competir, os locais de competição era o CETE⁹, no Petrópolis Tênis Clube e no Lindóia¹⁰ e às vezes era no Teresópolis¹¹, eram os locais que tinham mais competição, eram feitos com tatame de palha, geralmente era o próprio clube que montava a área de competição, mas eram poucas crianças competindo e eram poucos eventos. Eu me lembro que tinha o campeonato metropolitano que era a grande Porto Alegre, que hoje se dividiu, é cidadão. Tinha o metropolitano, tinha o campeonato do interior que a gente não participava e o estadual e depois tinha o torneio dos campeões que era o primeiro, segundo e terceiro colocados no cidadão contra o primeiro e segundo colocados do estadual, do cidadão do interior. Metropolitano na época englobava Cachoeirinha, Guaíba, Gravataí, Novo Hamburgo, São Leopoldo, todos esses lugares vinham a Porto Alegre competir nesse campeonato, eram poucas pessoas.

A.A. – Mas para sair, vamos supor um estadual em outra cidade ou outro estado, tinha auxílio do clube?

⁴ Fernando Machado Lemos.

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Dojô Ruy Barbosa.

⁷ Breno Herbert Jones.

⁸ Osvaldo Monteiro dos Santos.

⁹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

¹⁰ Lindóia Tênis Clube.

¹¹ Teresópolis Tênis Clube.

C.J. – Eu na época do Grêmio Náutico Gaúcho eu nunca viajei para um campeonato fora do estado, nunca peguei seleção, eu estava começando, mas não sei te dizer aqui no Gaúcho. Depois no Inter ¹²sim, eu classifiquei, já era década de 1980, quando a gente se classificava para ir a brasileiro, o Inter tinha um patrocinador que era o Seu Salvador¹³ (e ele pagava, mas não era para todo mundo, era para alguns. Mas fora isso, cada um tinha que pagar o seu.

A.A – Ainda no período que tu iniciou a sua pratica, havia mulheres praticando judô ou competindo?

C.J. – Na minha época sim, tinha as filhas do Fernando, a Carine e a Andreia¹⁴ e lá no CETE, que ele dava aula no CETE, ele era professor do estado e da UFRGS, lá no CETE também tinha bastante meninas treinando, mas as competições eram pouquíssimas. Hoje tem alunas da classe infantil que é nove e dez anos que vão a campeonato nunca tem com quem lutar, imagina naquela época, era bem menos ainda. Eu me lembro que em 1981, para ti ter uma ideia a Iara¹⁵, que hoje ela treina no Gaúcho, ela era da Stylo, ela foi seleção brasileira e teve o primeiro campeonato mundial de judô em Nova York e a Iara foi lutar, isso na época que eu era atleta, 1981.

A.A. – O que significa ser *Kodansha*¹⁶?

C.J. – Primeira coisa que vem na cabeça é que a gente está há muito tempo no judô e segundo a *Kodokan*¹⁷, o *Kodansha* é um representante da *Kodokan*. Existem várias conotações, alguns professores dizem que é uma pós-graduação em judô. Na realidade o cara chega a *Kodansha* o professor que dá aula a muito tempo, por que competidor dificilmente chegará lá, raras exceções, por que é uma promoção política também. Eu acredito assim, quando o cara é criança é muito impulsivo, quando a gente é um professor novo a gente faz um monte de coisas que com o tempo a gente vai abrindo mão de fazer,

¹² Sport Club Internacional.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Nomes sujeitos a confirmação.

¹⁵ Iara Mary Cunha.

¹⁶ *Kodansha* é a nomenclatura dada aos judocas que atingem o sexto grau (Dan) da faixa preta, modificando desta forma a cor da faixa para branca e vermelha, rajada.

começa a se preocupar em estudar a parte filosófica, porque determinadas coisas são daquele jeito. Então eu acho que os professores que são interessados chegam lá e tentam aprimorar a essência do judô para transmitir. Eu acho que principal objetivo seria esse, tu aprender a essência mesmo e não se preocupar só com a competição porque quando a gente é mais novo, a gente quer que os alunos ganhem campeonato brasileiro, ganhem sul americano, tu vai vendo que isso não é o mais importante, mesmo esses que ganham campeonato brasileiro, sul americano e mundial chega uma hora que eles não são mais campeão de nada. Eles param de competir e o cara que tem um professor que tem uma base boa, eu acredito, pela minha vivência que ele para de treinar judô. Aqui no Gaúcho nós temos muitos atletas judocas veteranos de idade de quarenta, quarenta e cinco anos, esses caras fazem judô por quê? Porque eles acreditam em algo mais além da competição; trabalhar o físico que faz bem para a saúde, para trabalhar a humildade porque a gente vai ali e vê que não é o melhor, mas também não é o pior, para trabalhar a mente se desestressando, a gente acumula problemas, funções, vem aqui e conversa com amigos, porque tem gente que vem e treina, mas o treino não é só treino. O treino é uma reunião de pessoas e as pessoas tem que conversar por que nós somos sociáveis. Então as pessoas trocam uma ideia, conversam... Às vezes o cara tá com algum problema, ele vem falar com um amigo dele que ele confia e vai conseguir um caminho para resolver esse problema: judô, caminho suave, caminho para uma vida melhor. Eu acredito que ser *Kodansha* é isso, é entender que o judô não é só competição e isso não é o principal, aliás é uma das partes do judô. Não é o topo, não é o fim, e é importante, mas não é o principal, é entender que tu tem que fazer um esporte, uma filosofia de vida que é o judô e abrir isso para todas as pessoas.

A.A. – Tu falou que o processo para se tornar *Kodansha* é político. Teve submissão de currículo, como funcionou? E em que ano tu te tornou *Kodansha*?

C.J. – Eu não me lembro de cabeça, mas eu acho que saí quinto *Dan* em 1998, com o professor Guto¹⁸ que trabalhava comigo aqui, ele saiu em 1997, um ano antes que eu, o professor Martinez¹⁹ saiu em 1997, o professor Matinez professor de Educação Física

¹⁷ Primeira escola de judô, fundada por Jigoro Kano em 1882.

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

sempre deu aula de judô e hoje trabalha no TJD²⁰, é quinto *Dan*, de 1997 até hoje. Eu fui promovido a *Kodansha* em 2004, se não me engano. O professor Guto não saiu, ele dá aula no Vida²¹ e os alunos dele lá se destacam que é do estado, uma instituição para crianças carentes e tem muitos alunos que se destacam... A Carla Oliveira, que é minha aluna aqui do Gaúcho, que foi para o União agora, ela começou lá no Vida e o Guto mandou para cá. Lá no União²² tem uma penca de aluno: o Guto, o cara que foi disputar na Alemanha seleção brasileira, tudo aluno do Guto, ele tá dando aula de judô, ele está formando atletas, ele faz a parte, como vou dizer... Ele não trabalha com competição, ele faz a parte social do judô, que eu estava falando, tu tem que mostrar para a pessoa que o judô é para fazer um cidadão melhor e o Guto trabalha com esse tipo de pessoa, que é com o pessoal carente...

A.A. – Trabalha como o Marcelo Opelt²³, no CETE?

C.J. – É, pode ser, só que eu acho que ele tem muito atleta competidor, o Marcelo não prioriza competição. No Guto, os bons se destacam. Ele é um excelente professor formador. Além de ele formar ótimos atletas de nível nacional ele trabalha com crianças carentes, ele está formando cidadão, tirando quem sabe do crime ou formando professores que é o caso da Carla que é o que me vem na cabeça, que dá aula no União e não é promovido, não consigo entender, vai parecer que é pessoal, mas não é. O último *Kodansha* que saiu no estado, não precisa dizer o nome, e dez anos passou de terceiro *Dan* para sexto *Dan*, em dez anos, entendeu? É complicado, é político, tem que ser político. Se as pessoas que trabalham e são merecedoras não ganham e outros ganham, é político. O professor do meu professor, o Fernando hoje é sétimo *Dan* na Federação Catarinense, mas o professor dele, o Obata²⁴ que é um professor japonês, estudou no Japão... Eu falo com ele, frequento, vou na casa dele, ele tem um certificado de 1979 *Kodansha*. Em 1979 eu estava entrando no judô, eu sou sexto *Dan* e ele é sexto *Dan*. É justo isso? Não sei. Para mim não é, entendeu? É político, aí tu cobra das pessoas responsáveis por promover essas pessoas ai eles dizem assim: “Ele não está no meio...”. Como assim? O que é estar no meio? Porque o judô, na verdade, só virou competição, isso que ele quer me dizer, tem que

²⁰ Tribunal de Justiça Desportiva.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Grêmio Náutico União.

²³ Marcelo Opelt Xavier.

²⁴ Teruo Obata.

estar no meio, tem que estar lá tendo atleta, ganhando campeonato, tem que estar ali, se não estiver ali, aquilo que é importante. Os professores que tem atletas que ganham campeonato que são técnicos de seleção brasileira, brigam na frente do tatame, os professores que são mais conhecidos se agarram no pau no tatame, brigam, isso que é judô? É isso que é formação? Um é *Kodansha*, é isso aí, deve estar alguma coisa errada, não sei o que, mas tem alguma coisa que está errada.

A.A. – Comente as demandas do Conselho e se tu desempenha alguma função em específica? Tu comentou que não é mais presidente...

C.J. – Não! Eu fui presidente do Conselho de *Kodanshas* de setembro a setembro, na realidade eu ainda estou presidente em exercício, porque sábado, nós vamos ter uma reunião, nós temos uma por mês, e o professor Breno²⁵ vai assumir, eu vou passar para ele. O Conselho de *Kodanshas* foi criado em 2009 pela Federação Gaúcha de Judô, mas já era um anseio dos professores reunir... Ele foi criado como um órgão consultivo, ou seja, a Federação nos consultou duas vezes, de 2009 até hoje. A Federação acha que não precisa de nada, porque duas vezes, de 2009 até hoje, nós estamos em 2015, são seis anos. As duas vezes foram assim: uma foi os faixas pretas que vem da liga, que são oriundos da Liga e que podem ser faixas pretas. O que o Conselho diz? Nós nos reunimos e emitimos um parecer para a Federação. Qual era a nossa visão desse aspecto para a pergunta deles? A Federação respondeu agradecendo? Nada! E a outra demanda: eles pediram uma vez, não sei se foi a Federação ou se foi a Comissão de Graus via Conselho, pediram um lista de professores que a gente indicasse para *Kodansha* e nós fizemos com os professores que trabalham com judô, que tem carência de vinte anos, porque de quinto para sexto *Dan*, são seis ou sete anos de carência. A gente emitiu, também não serviu para nada o que a gente votou porque, na realidade, é como eu te disse, o presidente tem o poder de indicar quem ele quer e pronto. É simples assim! Então é político, não tem critérios, se tivesse critérios não precisaria pedir nada, tu ia pegar e dizer assim: “O Pedrinho tem sete anos, é professor, é isso, é aquilo”. Pronto, contempla. Pedrinho vai sair. “O ciclaninho, não tem, tem cinco anos”. Nem olha! Ele tem cinco anos, não tem o tempo mínimo. Se tem os critérios tu segue os critérios, quando tem um regramento, tu não precisa perguntar, consultar, está ali

²⁵ Breno Herbert Jones.

o regramento. Então assim, eu te coloquei o ponto de vista que eu vejo da Federação com relação aos professores que ali estão. Nós nos reunimos uma vez por mês e tentamos criar pautas de estudo. Por exemplo, há dois meses nós levamos uma judoca faixa marrom que é psicóloga e advogada e ela estuda, está escrevendo um livro, eu convivo com ela por que ela é minha aluna lá na AABB²⁶ e ela está traçando um paralelo sobre as fontes que Jigoro Kano²⁷ bebeu para criar o judô, de onde que sai essa essência de disciplina, hierarquia, a gente sabe que é do *Bushido*²⁸. Mas ela está estudando isso mais a fundo, ai ela foi lá e deu uma palestra para os professores, como funcionava isso no oriente, como no ocidente funciona isso, essa questão de hierarquia, respeito, foi muito interessante. Como ela é psicóloga, ela trouxe no ocidente sob a visão de um psicólogo, como eram as vertentes de psicologia, como valorizava o homem, porque o homem faz isso, porque só valoriza o resultado e lá não, valoriza outro tipo de coisa. Então o nosso objetivo é aprimoramento o nosso profissional, independente de qualquer coisa, porque a gente não tem o poder de dar uma palestra, de fazer um curso, de nada. Mas nós temos o poder de melhorarmos como professores e como pessoa e que, de certa forma, se a gente conseguiu fazer isso os que dão aula eles vão influenciar nos seus alunos; os alunos, por sua vez, vão influenciar em outros alunos. Foi o que aconteceu comigo: o meu professor me influenciou, eu tive interesse em fazer Educação Física para ser um bom professor porque o meu professor era formado em Educação Física. Ele falava dos treinamentos... Treinamento é assim, é assado e aquilo sempre me interessou, eu queria fazer isso com os meus alunos e eu fui estudar. Se eu fizer isso meus alunos, vários vão seguir esse caminho. É bem por aí mesmo. Uma vez, quando eu dava aula aqui em cima onde é a academia ainda, eu fui contar e tinha dezessete faixas pretas na aula. Dos dezessete, doze eram formados em Educação Física. Eu acredito que professor tem o poder de influenciar o seu aluno a buscar se ele quer ser professor, ou se ele quer ser um bom advogado ele vai entender que vai estudar muito, para ser um bom médico. Eu tenho alunos, o Samir²⁹ ganhou três brasileiros de judô, é neurocirurgião e treina judô; a Claudia³⁰ é faixa marrom de judô, nunca quis fazer para preta, é médica, ginecologista, com vinte e sete anos se formou em ginecologia e vem treinar de vez em quando. Eu acredito que o judô, o regramento, aquela forma de tu respeitar o mais velho, o

²⁶ Associação Atlética Banco do Brasil.

²⁷ Fundador do Judô.

²⁸ Código de conduta.

²⁹ Nome sujeito a confirmação.

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

mais graduado, de baixar a cabeça, de tu chegar ali e tu ser maior e o pequenininho te joga... Eu acredito que isso ensine muito, é uma lição que não é uma lição direta. Eu digo para ti, é uma lição que tu interioriza, que tu aprende pela convivência. Então as pessoas que conseguem praticar durante muito tempo judô eles interiorizam isso e sentem falta, fazem aquilo como uma regra de vida. Tem o João³¹, todo mundo diz que é louco, mas de louco não tem nada: é veterinário, treina, está com cinquenta e cinco anos, vem treinar, brinca, faz as piadas dele... Para mim isso que é judô e a gente vai aprendendo com o tempo. Talvez quando eu comecei a dar aula eu não conseguia entender, isso vem com o tempo, por isso eu acho também que tu chegar numa graduação mais alta. *Kodansha*, tem uma idade mínima, ninguém chega cedo porque é campeão mundial; tem que chegar porque tu é velho, porque tu vivenciou... Por isso que eu acho que cada coisa a seu tempo. Voltando a tua pergunta, a gente busca isso: melhorar como pessoa para tentar no nosso microcosmo, que é a academia ou seu clube, influenciar aquelas pessoas para que elas, de uma forma, consigam influenciar outras.

A.A. – Como foi recebida a inserção de uma mulher no Conselho de *Kodanshas*?

C.J. – Isso eu posso te garantir, ela foi recebida de braços abertos, todos os professores ficaram muito felizes. Por quê? Porque a Eliane³² trabalhou como o Guto como eu falei antes na Comissão de Graus. O que é a Comissão de Graus? São alguns professores mais antigos que, entre aspas, regulamentam como vai ser o exame para preta e essa comissão é encarregada de dar cursos de *katas*³³, de *waza*³⁴ e depois cobrar isso dos atletas para eles saírem faixas pretas. A Eliane sempre fez parte desse grupo, ela sempre arbitrou, a vida inteira dela, até pouco tempo atrás ela era competidora. Eu nunca me esqueço, eu tenho... Não é mais minha aluna, está lá na SOGIPA³⁵, parou de competir porque rompeu o ligamento a Natália Bordignon.³⁶ Natália, com dezessete anos faixa preta, campeã brasileira, a Eliane pegou lá no campeonato jogou de *ippon*³⁷, sabe? Ela sempre foi uma

³¹ Nome sujeito a confirmação.

³² Eliane Pintanel Proudzyński.

³³ *Kata* é o conjunto de técnicas e método fundamental de estudo, especial para transmitir a técnica, o espírito e a finalidade do judô.

³⁴ Técnicas de judô.

³⁵ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

³⁶ Natália Guerra Bordignon.

³⁷ Termo utilizado para em competições atribuída a um “golpe perfeito”.

atleta competidora, sempre viveu esse outro lado do judô, de trabalhar de ceder seu conhecimento, porque quem está na Comissão de Graus não ganha salário para estar lá. Antigamente, na época que eu arbitrava, eu nunca recebi para ser árbitro. Eu ia lá de graça, a gente ia lá, cada clube tinha que enviar um árbitro. Eu que era o árbitro do clube que ia. Durante muito tempo foi o *Sensei Tatu*³⁸, mas ninguém recebia; a gente fazia, se não é por amor, por gostar daquilo, mesmo que alguém te peça, mas tu ir lá, perder um dia inteiro ser chamado de ladrão, disso, daquilo, gritar. Uma vez no final do campeonato em São Gabriel, eu nunca passei tanto frio em toda a minha vida. Era inverno, tu de meia naquele tatame frio, a cada luta tinha que sair para o banheiro urinar, o cara vai fazer para quê? Se não é porque gosta do seu esporte ou quer que melhore. Hoje em dia os árbitros são pagos, os campeonatos são bem cobrados, uma inscrição num campeonato é cinquenta reais, eu fiz uma... Eu fui voto vencido numa assembleia que era cobrado trinta; de trinta passou para quarenta e cinco e eu fiz um orçamento do que sairia um campeonato. Nós aqui, eu tenho muitos alunos faixa preta e vários dão aula e a gente faz os campeonatos entre as escolinhas, a gente cobra em média de quinze reais e sobra dinheiro. Cinquenta reais tem que sobrar muito dinheiro, não sei por que é tão caro a inscrição, dá para pagar todo mundo e ainda sobra muito dinheiro. Mas a Federação disse que não sobra que falta grana, os árbitros recebem, mudou isso. Mas voltando a Eliane, estou fugindo do assunto, ela é árbitra, ela trabalhava na Comissão de Graus, ela não é responsável técnica de nenhum clube, mas eu acho que é muito merecido porque ela doa parte da vida dela para o judô. Eu acho até que de certa forma mais do que eu, porque ela pensa judô vinte e quatro horas. Eu acho que foi muito bem-vinda e pena que não tem outras na esteira dela. A professora Iara, a primeira atleta a ir para um campeonato mundial, nunca largou o judô sempre trabalhou, dá aula de judô, mas é quarto *Dan*, é o que eu te falei, alguns são promovidos antes, outros depois...

A.A. – Era justamente a próxima pergunta, se existiam outras mulheres no estado habilitadas a se tronar *Kodanshas* ou integrar o Conselho...

C.J. – Eu não sei... Até uma vez foi pauta no Conselho, tem uma menina que ela estuda, se aplica, eu não sei se ela é quarto ou quinto *Dan*, que é a Giovana Pilla³⁹, ela é de Canoas,

³⁸ Luiz Escandiel.

³⁹ Nome sujeito a confirmação

ela daqui a pouco vai querer ser sexto *Dan*, Não sei se estaria apta... Eu acho que a professora Iara, formada em Educação Física, dá aula de judô, é árbitra, a mesma coisa da Eliane, faz tudo, mas até por uma questão pessoal, ela é muito humilde, não gosta nem de falar isso e a Iarinha não pede porque ela pode ser laureada aqui pelo Gaúcho há anos. Eu cobro da Iara há uns quatro, cinco anos, eu cobro dela que ela traga currículo para ser laureada pelo clube, ela não me traz, ela não está preocupada com esse tipo de coisa. Uma láurea, ela vai ganhar título do clube que nunca mais vai pagar um centavo, vai ser reconhecida por tudo que fez pelo clube. E é dela, ela não é dessas coisas, talvez ela perdeu o tempo das promoções por não ter pedido. Eu acho que seria a Iara a mais indicada a ser a próxima. Ela é quarto *Dan*, de quarto para quinto depende de quem vai ser o presidente da Federação, de quinto para sexto vai depender também, tem que ser amigo do rei.

A.A. – Tu comentou que o Conselho foi fundado em 2009, teoricamente uma iniciativa recente. A ideia de organizar um Conselho foi inspirada em outra Federação?

C.J. – Eu não sei te dizer porque isso partiu da própria Federação, mas acredito que sim, pois em outros estados tem...

A.A. – Atualmente tu é *Roku Dan*⁴⁰, tem progressão? Como tu disse é político?

C.J. – De sexto para sétimo *Dan*... Agora eu vou tirar o Cid, vamos colocar os outros professores. Em 2003 o Flávio⁴¹ saiu sexto *Dan*, o Kuse⁴² saiu sexto *Dan*, o Antônio Pereira⁴³ saiu sexto *Dan*, acho que foram esses e o Sergio Zimmermann⁴⁴ saiu antes ainda, posso estar errado. Sexto para sétimo a carência é sete anos, então, se eu tenho onze anos eles têm doze, alguns quatorze e nenhum foi promovido. O professor Breno é sétimo *Dan*, o professor Breno era da Comissão de Graus, trabalhou a vida inteira na Comissão de Graus, quando eu fui fazer exame para preta o Breno era presidente da Comissão. O Breno, o professor Osvaldo, ele é sétimo *Dan*. O Breno saiu da Comissão e começou a trabalhar com arbitragem, foi diretor de arbitragem anos, ele se desiluiu com um monte de coisas

⁴⁰ 6º *Dan* em judô.

⁴¹ Flávio Luiz Pereira.

⁴² Fernando Luiz Brito Kuse

⁴³ Antonio Carlos de Oliveira Pereira.

⁴⁴ Sérgio Guido Zimmermann.

que não vem ao caso agora e ele se afastou. Mas o Breno deve ter, eu não sei porque eu não tenho o currículo dele, mas de sétimo *Dan*; com certeza mais de dez anos, muito mais, não é promovido. O professor Batista⁴⁵ que tu entrevistou, não é promovido, nenhum *Kodansha* é promovido... Não! Foi promovido o professor que morreu, o professor Cleto⁴⁶, passou a oitavo *Dan*, acho que foi o ano passado, desde que foi formado o Conselho de *Kodanshas* ele que foi promovido. Eu acho que foi no ano passado e de lá para cá ninguém é promovido nunca. Quem é que faz a promoção? Quem é que tem que indicar? Agora nós tivemos um presidente promovido, que é médico, promovido à *Kodansha*. Ele disse que a promoção veio lá da CBJ⁴⁷, a promoção do presidente vem lá da CBJ, mas a promoção dos outros professores tem que ser pedida para a CBJ, quem é que pede? É o presidente, aí ele diz que a gente tem que mandar currículo. Eu estou te falando isso por que eu cobre dele diretamente isso, cobre a promoção do Breno, cobre um monte de coisas, porque o cara trabalhava como diretor de arbitragem, a vida inteira só trabalha com isso e não é promovido. E o presidente: “Não me manda currículo...”. E eu disse assim: “Mas quem é que manda currículo? É a Federação?”. Se a Federação é o órgão que regula, ela tem a hora que o cara começou, onde o cara dá aula, quem é aluno do cara... O Breno não dá aula, mas é da Comissão de Graus de ano a que ano, quantos caras fizeram curso na Comissão de Graus e saíram preta. Ele é membro da Comissão de Arbitragem, ele que organiza a arbitragem no estado, sem arbitragem não tem campeonato, ele é o cara mais importante da arbitragem. Desde quando ele está na arbitragem? Quinze anos e tem que mandar currículo disso? Eu acho que é meio absurdo, eu sou um cara que não consigo ficar sem falar as coisas, eu podia te dar a entrevista e não falar nada, mas eu não consigo, eu sou muito contestado. O Cid é isso, o Cid é aquilo, mas é meio ridículo isso. Eu não consigo entender como uma Federação não pede uma promoção para esses professores, então, eu vou te resumir: eu fui o último *Kodansha* a sair dos antigos, eu fui promovido em 2004, todos que são anteriores a mim, todos poderiam ser promovidos. Aí não sabe que o Cid dá aula no Gaúcho, que o Cid é técnico responsável da AABB, que aqui no Gaúcho saíram uns setenta faixas pretas, que a Mayra Aguiar⁴⁸ saiu daqui, embora eu não diga para ninguém... Será que não sabe que Alessandro Borghetti ganhou dez brasileiros e era daqui, que o

⁴⁵ Almerindo Batista.

⁴⁶ Cleto Alves Mendes.

⁴⁷ Confederação Brasileira de Judô.

⁴⁸ Mayra Aguiar da Silva.

Samir ganhou, o Richard⁴⁹ ganhou... Não sabe nada disso? Eu tenho que mandar currículo, aí a gente não manda, entendeu? É complicado, porque parece que eu quero ser promovido, se é uma promoção por merecimento, porque não depende de eu ir lá fazer um exame, é por mérito. Se é por mérito, como eu vou pedir promoção? Tu quer ganhar um negócio por teu merecimento, aí tu chega e diz assim: “Olha, eu mereço, eu estou fazendo tudo.” Eu acho que não combina com a arte marcial, se a gente prega humildade, hierarquia, respeito, eu acho que vai contra a linha do que tu prega. Se não, tu vai dizer uma coisa e vai fazer outra.

A.A. – Cid por favor, comente a sua trajetória como professor.

C.J. – Eu comecei a dar aula, eu era faixa marrom, eu tinha saído do Gaúcho, o meu professor era o Lacerda⁵⁰, que foi o meu primeiro professor *Kodansha*. O Fernando até então ele não era *Kodansha*, quando ele saiu aqui do Gaúcho. Meu professor, o Fernando, saiu do Gaúcho em 1980, ele foi dar aula no Grêmio e veio o professor Lacerda que é paulista, falecido. E ele era sexto *Dan* e começou a dar aula aqui no Gaúcho, ele veio com um judô totalmente diferente do que eu aprendi; o Fernando, como eu disse, era um cara formado em Educação Física, tinha um treino muito voltado para a Educação Física, preparação física, de força...

A.A. – Particularmente, como tu achava que era esse treino, era bom?

C.J. – Eu gostava, gostei sempre. Eu te falei antes que o meu professor, eu vou visitar ele em Santa Catarina até hoje. Eram outros tempos, era diferente, nessa época tu não respondia para o professor, hoje os alunos respondem. Era diferente, muita coisa daquela época se tu fizer hoje tu vai preso, mas eu gostava. Era minha vivência e eu acho o que eu sou graças a ele; com o Lacerda eu tive uma outra visão, eu aprendi outras coisas que eu gostei, mas demorei porque eu não conhecia. Tu ia fazer *randori*⁵¹ queria fazer força, correria aquela coisa e ele: “Não pode fazer assim, faz diferente!”. É difícil tu entender que

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁰ Manoel Aparecido Lacerda.

⁵¹ Luta de treinamento.

não pode fazer força. Depois eu fui lá para o Inter⁵² tinha outro professor que é o Antonio⁵³ que é formado em Educação Física. Foi uma outra visão e aí tu começa a pegar coisas boas de cada professor e tu tem a tua visão da coisa, ninguém é manipulado. Eu posso te falar um monte de coisas aqui, tu está me ouvindo, mas pode não concordar com nada que eu falo, é um direito teu. Então, as coisas que eu achava que era errado eu mudei: fui assimilando coisas do Lacerda e eu acho que eu passo para os meus alunos o meu jeito. Hoje é a mesma coisa: tem um monte de alunos que dão aula, alguns treinam ainda comigo aqui e eles fazem coisas que eu acho que é errado, mas eu aceito porque é o jeito deles; desde que não vá contra um princípio, alguma coisa do esporte, que não vá causar um problema físico, mas é o jeito dos caras, cada um tem a sua visão, cada um vai seguir o seu rumo. Então assim: o Lacerda começou a mudar isso aí e eu fui assimilando, fui lá para o Inter... Faixa marrom que o Lacerda saiu do Gaúcho que ficou um ou dois anos sem professor e depois veio o Edinho⁵⁴, que hoje é coronel da Polícia Militar em Roraima... O Edinho ficou um ano aqui e saiu e em 1982. Eu era faixa marrom, quando os caras tinham que fazer exame lá no Inter... O Fernando cobrava todos os exames, o Antônio só cobrava os oito do exame e tinha cara lá que não sabia as coisas. Eu sempre ensinava os caras. Um diretor do Inter chegou assim: “Cid, eu vou abrir judô no Geraldo Santana⁵⁵ e eu queria que tu desse aula lá”. Eu tinha dezesseis anos e aceitei. Fui lá, comecei a dar aula, eu e o Guto. O Guto dava aula de tarde e eu dava aula pela manhã e o Antônio, nosso professor dava aula à noite; o Antônio largou, eu passei a dar aula pela manhã e à noite e o Guto largou e eu fiquei dando aula manhã, tarde e noite e eu dei aula lá de 1982 a 1987. Em 1985 comecei a trabalhar no banco e eu não conseguia: banco, faculdade e dar aula no Inter; dava aula no Gaúcho e eu não conseguia, sai do Geraldo Santana e fiquei só no Inter e aqui no Gaúcho, que eu comecei a dar aula em 1985. Como eu te falei: tu começa a dar aula, começa... Faz apoio, faz abdominal, transmite tudo o que tu fazia como aluno, mas aí tu fica até onde que é o certo? Como eu tenho que fazer o alongamento?

A.A. – Talvez começasse a questionar por conta do aprendizado acadêmico...

⁵² Sport Clube Internacional.

⁵³ Antônio Augusto da Fontoura.

⁵⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁵ Grêmio Sargento Expedicionário Geraldo Santana.

C.J. – Claro! Eu estava na época com dezenove anos, eu estava em dúvida porque eu trabalhava no banco; estava entre fazer Administração ou Educação Física. Fiz o vestibular para Educação Física, pedi demissão do banco quando eu fui promovido para chefe de carteira. O meu pai enlouqueceu comigo, mas ia graças a Deus eu fiz isso. Eu acho que se eu fosse bancário eu ia estar bem pior do que estou hoje e eu fui fazer o que eu gosto e desde então estou assim, dando aula...

A.A. – Só aqui trinta anos...

C.J. – Sabe que esse meu temperamento de questionador e não brigão, mas difícil...

A.A. – Contestador...

C.J. – É incrível porque eu nunca fui demitido em lugar nenhum. No Inter eu sai, pedi demissão e acabou o judô lá. No Geraldo Santana eu pedi demissão. Eu dou aula na AABB desde 2007 até hoje, nos lugares que trabalhei nunca fui demitido, estranho né? É uma coisa meio gozada.

A.A. – Cid, por favor, comente sua trajetória enquanto técnico, árbitro ou outra participação e atuação dentro do judô. Faz um apanhado assim...

C.J. – Eu na arbitragem: todo mundo tem que arbitrar uma vez na vida. Eu sempre arbitrei e gostava e aí eu cheguei a fazer exame na SOGIPA e veio o professor Pereira⁵⁶ que é carioca, que era o responsável pela arbitragem no Brasil, fez exame para árbitro nacional. Não lembro se era B ou C e eu não lembro que ano foi isso. Mas eu lembro que o Ricardo Borges estava junto na aula, na prova, era o Ricardo e o Flávio⁵⁷. O Flávio nunca deixou de arbitrar o que ele mais gostava. Depois chega uma hora que começa a ter muito aluno e tu está arbitrando e teus alunos estão lutando e tu não dar atenção para o teu aluno... É muito complicado! Ou tu é professor ou tu é árbitro. Isso para mim ficou bem claro, foi assim que eu parei de arbitrar. Como atleta, mesma história da arbitragem, mas eu competi, eu gostava muito de competir e embora eu sempre fiquei nervoso, nunca fiquei calmo em

⁵⁶ José Pereira da Silva.

⁵⁷ Nome sujeito a confirmação.

competição... Eu nunca gostei de perder, eu queria sempre ganhar e eu tinha muito medo de perder para menos graduado. Isso foi o Fernando que traumatizava a gente: “Aluno nosso não pode perder para menos graduado”. Eu não me lembro de ter perdido para menos graduado, graças a Deus. Chega uma hora que tu começa a dar aula, o negócio engrena, não tem como tu treinar e dar aula. Durante muito tempo eu não treinava mais, eu corria pela manhã, eu fazia apoio, tudo em casa não ia para a academia. Fazia a parte física toda em casa, não fazia mais entradas e chegava na hora do *randori* e eu fazia *randori* com os meus alunos. Tem um lado muito legal nisso porque tu consegue corrigir os teus alunos no que tu está treinando. Tu corrige os teus alunos, no que tu está treinando tu corrige e tu vai pegando vários, mas alguns tu não consegue dar atenção ai eu comecei a ficar assim: Daqui a pouco vai se machucar porque tu não está olhando e ai tu chega num ponto que tu: “Bah! Eu acho que não dá mais para treinar”. Só fazia o *randori*, então, a parte técnica de *uchikomi*⁵⁸ eu estava corrigindo, mas no *randori* chega uma hora que eu achei que tinha que parar. E quando tu faz isso, automaticamente tu vai fazendo bem menos e ai tu faz um ou outro, de vez em quando e tu para de competir por que tu não treina, quem é que vai competir sem treinar? Mas mesmo assim eu fui até os trinta e cinco, trinta e seis. Eu vou fazer cinquenta na semana que vem, dia 12 de setembro. Eu fui até os trinta e seis competindo religiosamente tudo que era campeonato e sempre nos campeonatos que eu lutei, eu sempre lutava absoluto, embora eu pesava 78 kg na época. Mas sempre lutei absoluto e ganhei alguns campeonatos estaduais mas também sentia a necessidade de parar de competir por causa disso: dar atenção para o aluno. Eu acho que também tu vai ficando mais velho vai mudando porque eu acho que isso acontece com todos professores. Mas eu sempre falei para os meus alunos: quando tu começar a dar aula a tua parte competitiva está acabada porque tu não vai fazer mais nada. Eles falam que isso é uma regra. Depois me dediquei única e exclusivamente aos meus alunos, aqui no Gaúcho, os atletas que competem pelo Gaúcho, são só do Gaúcho, não vou falar nada, mas tem clubes que vem cara de São Leopoldo, Sapucaia, interior do Rio Grande do Sul e compete pelos clubes, ai chega lá no campeonato o clube coloca cidadão, trezentos e nove atletas para disputar cidadão. Aí tu vai no clube olhar o treino tem vinte, da onde é que saiu trezentos e nove? Tinha cara lá da terra da Xuxa⁵⁹, Santa Rosa, competindo em Porto Alegre cidadão. Meus alunos são só do Gaúcho, não vem ninguém de fora, infelizmente aqui todo mundo paga

⁵⁸ Treino de repetição e aperfeiçoamento técnico.

⁵⁹ Maria da Graça “Xuxa” Meneghel.

judô, não tem judô de graça. Agora nós temos um projeto social que contempla alguns alunos. Graças a deus a gente conseguiu patrocinador e ele paga. Nós temos em torno de dez alunos de comunidade carente; uma se classificou agora para o brasileiro, mas só treina aqui no Gaúcho, são atletas do Gaúcho. Quando a gente vai para campeonato, a gente leva trinta para competir, às vezes ficamos em terceiro, às vezes ficamos em quarto, às vezes não ficamos... Quando eu parei de competir mesmo, eu estava focado nisso, esses alunos... À tarde faziam um trabalho físico e técnico, eu vinha aqui gratuitamente, sem cobrar um centavo e a minha vida inteira eu tenha feito isso embora eu esteja parando um pouco. Porque não sei até que ponto isso é do ego do professor formar um campeão brasileiro e aí tu forma um campeão brasileiro e vem um clube e diz assim: “Por que tu está lá? Tu paga?... Aqui nós vamos te dar colégio... Te dar isso...”. E levam os alunos e o clube talvez esteja certo e errado esteja o aluno que...

A.A. – Aceita a proposta...

C.J. – Há pouco tempo um aluno de projeto social que nunca pagou judô aqui ganhou o campeonato brasileiro e ganhou o Pan-Americano. Ganhou o Pan-Americano por outro clube acredita? Não veio mostrar a medalha aqui de campeão Pan-Americano. Foi para outro clube. Daí tu começa a te questionar: até que ponto isso vale a pena? Eu não tenho que provar mais nada para ninguém hoje, e eu acho que nem para mim mesmo. Eu acho que a gente quer provar para a gente mesmo, então, tu começa a te questionar... Mas aqui a gente faz esse tipo de trabalho. Agora começou esse projeto que dá muita vontade de fazer com as crianças. À noite, segunda, quarta e sexta as crianças de sete, doze, treze anos treinam, e os adultos treinam todos os dias segunda, quarta e sexta das oito as dez e das oito as quinze para as dez e das oito e meia as quinze para as dez, assim que funciona o judô aqui.

A.A. – Tu teve participação na preparação de atletas que foram para as Olimpíadas ou outra competição internacional?

C.J. – Se tu interpretar que eu fui professor das pessoas sim. Com muito orgulho o Alexandre Garcia⁶⁰, que é meu amigo até hoje foi para uma Olimpíada; foi meu aluno no Inter, mas antes de ele ser meu aluno no Inter, ele era aluno do meu professor, do Fernando. E ele começou três anos aqui, quando eu entrei no judô ele já estava; ele é cinco anos mais novo do que eu, ele começou com três. O Alexandre Garcia que foi eleito o atleta da década, por uma sorte, porque eu não me considero formador dele, mas foi no ano que eu dava aula, eu era técnico dele. Ele ganhou o brasileiro juvenil, júnior e sênior, ele era juvenil e na época era de quinze a dezenove anos; o júnior era dezoito, dezenove, vinte e sênior era acima de vinte. Ele foi campeão brasileiro juvenil, júnior e sênior e, se eu não me engano, é o único atleta do Brasil que tem esse título...

A.A. – Que categoria ele competia?

C.J. – Até sessenta, mas nesse ele foi cinco. Que não é um peso olímpico, que é até sessenta. Mas na Olimpíada e Mundial ele foi até sessenta; foi o primeiro atleta do estado, eu acho, a ir para um campeonato mundial, a integrar a seleção brasileira numa Olimpíada. Na Olimpíada ele foi pela SOGIPA, mas treinava muito aqui, ele morava aqui no Cristal⁶¹, ai treinava muito aqui. Depois a Mayra Aguiar que começou a fazer judô com seis anos lá no Colégio São Manuel... Quando ela saiu do colégio ela foi treinar em algum lugar e não gostou e a mãe dela sabia que eu dava aula aqui e trouxe ela aqui para o Gaúcho e ai ela saiu daqui faixa verde para roxa com doze anos, doze para treze anos.

A.A. – Cid, quais, momentos ou eventos dentro do judô que tu destacaria. Tu falou que gostava de competir...

C.J. – Competição para mim é passado. Eu te falei ali no inicio que até campeão mundial uma hora pára de lutar. E daqui a cinco anos vai o João Derly ou a Mayra Aguiar depois de cinco, seis anos... Ela é mais recente, João Derly ninguém vai saber quem é, sabe? É incrível, e também tanto faz porque pensa bem: “Eu fui campeão estadual absoluto em tal ano, fui não sei o que, ah eu fui...”. O que vai mudar para ti? Tu quer saber o que eu fui como pessoa. O que as pessoas pensam de mim. Então um momento que me marcou muito

⁶⁰ Alexandre de Almeida Garcia.

⁶¹ Bairro de Porto Alegre.

que eu lembro que eu me emocionei muito e não consegui segurar a emoção, eu chorei foi que um aluno meu, o Robson⁶², que dava aula nas Dores⁶³, hoje ele é professor ali do Santo Antônio, ele fez nas Dores e começou a falar exatamente o que eu falo dos meus professores, bah! Eu gosto do cara, que eu te falei que vou visitar até hoje. Aí ele começou a falar, me elogiar e tu pensa nos caras que tu idolatra e os teus alunos te colocam na mesma posição. Foi um negócio muito legal, até falando contigo fico emocionado. Foi um momento assim na vida que tu descobre o quanto é legal tu influenciar algumas pessoas, muito legal...

A.A. – Para você, esse é o ápice do judô?

C.J. – E outra coisa que me emocionou muito foi quando os professores *Kodanshas* me colocaram de presidente. O professor Sérgio⁶⁴ tinha assumido um ano antes de mim e começou a chorar; o cara é muito emotivo eu pensando, eu sou também aí pensei e ele começou a falar... Quando a gente se reúne: tu é o presidente da reunião. Nós ficamos numa mesa e aí daqui a pouco tu está discutindo um determinado tema e sempre foi o professor Osvaldo... O professor Osvaldo é nono *Dan*, todo mundo respeita. Se ele te olha deu, parou de falar, não precisa abrir a boca. [TRECHO INAUDÍVEL] Tirando os meus professores que eu agradeço a vida inteira eles, isso não é um discurso pronto, é verdade... A gente é o que é graças, primeiro a teus pais que te dão formação; o professor consegue ajudar muito, mas se o pai e mãe não ajudam... Tu é fruto da educação que tu em casa e do reforço e da formação que teu professor de judô coloca. O professor de judô é diferenciado, tem que entender que é diferenciado porque quando tu vai abrir um colégio, tu tem aula com a professora na primeira série, na segunda com outra, na terceira com outra... O professor de judô não. Tem uma aluna minha que me mandava cartão do dia dos pais: Tu é meu pai! Outra, que é médica, chega assim: “Cid, tu não tem noção o que tu é na minha vida, tu é o meu segundo pai”. O professor tem essa importância e se essas pessoas que venceram na vida, uma é arquiteta, outra é médica e essas pessoas te respeitam, te admiram e te tratam como se fossem uma criança. Esses dias o Samir⁶⁵ que é médico, que

⁶² Nome sujeito a confirmação.

⁶³ Colégio La Salle Dores.

⁶⁴ Sérgio Guido Zimmermann.

⁶⁵ Nome sujeito a confirmação.

é neurocirurgião responsável pelo Ernesto Dorneles⁶⁶ e pelo Cristo Redentor⁶⁷ ai chegou assim: “Bah Cid”. Me trata assim, e eu: “Samir a gente é colega, tu é meu colega faixa preta, eu sou faixa preta, *Kodansha* é uma graduação, mas eu sou faixa preta, para com isso”. E ele: “Não, não tá louco...”. Aí eu comecei me lembrar de um campeonato brasileiro que ele foi lutar. Ele estava lutando e o cabelo caindo assim no rosto e ele tirava para lutar, aí eu cheguei: “Samir vem cá!”. Levei ele lá para o banheiro, peguei uma tesoura e cortei (risos) aí eu comecei a me lembrar ele falando: “Tu cortou meu cabelo”. Mas cortei bem, tu não precisou nem ir no barbeiro. Aí tu te lembra dessas vivências assim...

A.A. – É justamente isso que eu queria, comentários sobre alguns momentos que tu destacaria dentro do judô... Agora, te pergunto: como você percebe a mudança do judô ao longo desses anos...

C.J. – O judô está buscando ser mais prático com a mudança de regras. Ele proibiu técnicas de judô que existem *kata guruma, te guruma, kibisu gaeshi, kushiki taoshi*⁶⁸... Proibiram essas técnicas que pegam na perna, para quem não conhece, porque o judô tava ficando... O juiz dava *hajime*⁶⁹ os caras colocavam a bunda lá no chão e um só tentava pegar na perna do outro, uma coisa mais eficiente, porque se não fosse os caras jogariam outras coisas, mas em contrapartida o Tiago Camilo⁷⁰, o paulista que era aluno do Umakekeba⁷¹, ele foi campeão mundial jogando todo mundo em menos de 1 minuto *seoi nage*⁷²... Técnicas de pé e os caras podiam pegar na perna. Então, sinceramente: o judô começou a ficar muito na força e técnicas de pegar na perna, força física mesmo... Todo mundo diz, fala que o estilo do João Derly de pegar na perna, mas eu acho que ele tinha bons golpes de perna. Foram proibidas essas técnicas, o que acontece? Não pode pegar na perna, tu não precisa ficar mais longe, tu vai ficar mais perto... Foi proibido arrancar as pegadas com as duas mãos, ou seja tu pega o quimono fica muito mais difícil tu estourar uma pegada, embora esse francês Teddy Riner fazia, com uma mão ele arrancava, mas não é todo

⁶⁶ Hospital Ernesto Dorneles.

⁶⁷ Hospital Cristo Redentor.

⁶⁸ Técnicas que visam desequilíbrio do adversário utilizando as mãos.

⁶⁹ Significa “iniciar”.

⁷⁰ Tiago Henrique de Oliveira Camilo

⁷¹ Uichiro Umakekeba.

mundo que é um Teddy Riner da vida, os normais não conseguem. O judô ficou mais plástico, ficou uma luta de pé, uma luta que dá muito *ippon*⁷³ e técnicas bonitas, fica televisivo. Eu vou resumir o que eu quero falar: inventaram o quimono azul, os japoneses foram contra porque o branco tem simbolismo de pureza, de estado de espírito, de estar desprovido de qualquer coisa quando treina... O quimono branco simboliza um monte de coisa, por isso quando eu vejo professor de quimono azul eu acho um absurdo. Um dia eu até escrevi um texto e coloquei no *Facebook* do professor usar quimono azul, porque eu vi um professor gaúcho num congresso nacional de quimono azul. Ele era o único de quimono azul, eu fiquei envergonhado, os outros professores todos de quimono branco. Criaram o quimono azul para ser televisivo, para quem não entende e está olhando... Para facilitar entender a luta, tipo o azul está ganhando, o branco está ganhando. Mudou a regra para todo mundo ficar de pé e ter mais jogo. Eu acho que isso busca também a parte televisiva e o judô hoje é televisivo. A gente acha que não é, mas é! Agora todos os Grand Slams passam na Globo, passam os resultados em tudo que é lugar. Antigamente, eu me lembro que não dava judô na TV. Quando o Aurélio Miguel⁷⁴ ganhou a gente queria ver as lutas mas se mostrou só ele jogando o alemão, o último segundo... A gente não tinha esse acesso, tinha que comprar fita de vídeo e Antônio, que era arbitro internacional, viajava trazia e vendia. Não era dado para nós, a gente comprava. Eu, pelo menos, ia olhar nas fitas para aprender e tentar ensinar os meus alunos. Hoje todo mundo tem acesso, basicamente o judô mudou nisso na parte de competição. Na parte filosófica eu acho que existe um problema que é um problema nacional, porque se uma mãe der uma palmada num filho ela pode ir presa, ela tem de dar explicação... Eu dava aula no Colégio São Manuel e um aluno chegou e disse: “Eu sei dos meus direitos, qualquer coisa eu te denuncio”. Para mim, eu era da disciplina, tu não pode fazer mais nada, te falei que o judô antigo era bem diferente... Eu tinha quedas educativas com meus alunos, o cara começava a bagunçar e três quedas resolvia o problema. Se tu fizer isso hoje... Então muito da filosofia vai se perdendo porque legalmente tu não pode fazer muita coisa. Não sei como vou me explicar mas se tu coloca o aluno de castigo, o pai pode te denunciar; tu vai ser mais firme com o aluno o pai vai te denunciar, daqui a pouco ele está treinando com um aluno que é muito forte, o pai diz: “Aquele menino é violento”. Isso é judô, é assim, ele tem que cuidar para

⁷² Técnica de projeção que utiliza o quadril.

⁷³ Termo utilizado em competições atribuída a um “golpe perfeito”.

⁷⁴ Aurélio Fernández Miguel.

não machucar, mas o treino é assim, teu filho não saiu chorando... Aliado a isso, o judô deu um pulo no Mais Educação⁷⁵ que faixa marrom dá aula, que todo mundo dá aula, qualquer um dá aula, não é formado em Educação Física, não é professor. Eu não acho que só a faculdade de Educação Física dá direito do cara ser professor, quero deixar isso bem claro. Aí tu vai dizer: “Como assim?” Vou te dizer: o Samir, esse que é médico, era faixa preta e lá no colégio dele era um professor de Educação Física, faixa azul dando aula para ele. Tu pode fazer brincadeira de judô na aula, não dizer que está dando aula de judô. Quer dar aula de judô? Vai fazer igual ao que eu fiz: vai sair faixa preta, vai fazer faculdade, se bem que para dar aula de judô tem que ser só faixa preta... O CREF⁷⁶ não pode interferir, mas tudo bem. Mas eu acho que o certo é fazer as duas coisas, eu acho que uma não isenta a outra, tenho que deixar isso bem claro. A parte educativa, por uma falha educacional, que às vezes os caras não são formados em Educação Física ou nenhum curso de Pedagogia, qualquer que seja... Não tem uma didática boa, os professores antigos não tinham opção. Sensei Tatu⁷⁷ foi um dos primeiros professores de judô do estado, é o mais antigo de todos, era meu amigo, adorava ele. Como ele ia fazer uma faculdade? Na época dele não, todo mundo era truculento, era assim. Mas os atuais, hoje... Na minha época era eu formado em Educação Física... Então assim, voltando: Eu acho que a parte educacional perdeu um pouquinho, porque tu vê tanta coisa em competição, aluno olhando para técnico mandando longe, o próprio professor: “Ah! Vai para...”. Tu vê tanta coisa, alguma coisa está errada, eu vejo que a parte disciplinar, filosófica do judô perde e na parte televisiva é isso aí. Na parte de arbitragem eu acho que a regra tem mudado para o judô ser mais rápido, ter *ippon* mais rápido e ser mais transmissível, igual ao vôlei, é um absurdo aquilo, vantagem, vantagem, vantagem... Cinco horas de partida, daqui a pouco vai ser no tênis, embora seja um esporte elitista e nunca vai perder o espaço, mas se uma partida de tênis durar uma hora, vai ter um *boom* televisivo, só vai ter tênis na TV.

A.A. – Cid, por fim eu gostaria que você comentasse algo sobre sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul

⁷⁵ Programa do Governo Federal.

⁷⁶ Conselho Regional de Educação Física.

⁷⁷ Luiz Escandiel.

C.J. – Eu acho que isso não é eu que tenho que te dizer. Eu acho que isso são as pessoas que tem que ver, mas o que eu posso te dizer é que eu estou ajudando a difundir o judô. Formei um monte de professor, tenho um monte de aluno, tenho um monte de cara dando aula em tudo que é lugar, então, eu acho que essa é a contribuição mais importante que eu tenho dado para o Rio Grande do Sul.

A.A. – Tem alguma coisa que nós não perguntamos que tu gostaria de deixar registrado?

C.J. – Eu acho que eu já falei de tudo, eu falo muito, acho que não...

A.A. – Professor Cid muito obrigado pela disponibilidade. É sempre um prazer falar com o senhor. O Centro de Memória do Esporte agradece.

[FINAL DA ENTREVISTA]